



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERROTÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(Produção do conhecimento, pesquisa social e ética em pesquisa no Serviço Social e nas Ciências Humanas e Sociais)

Conservadorismo e Adesão Política na vida Cotidiana

Ariovaldo Santos ¹

Resumo. Utilizada em sentido diversos tanto por liberais como por aqueles que se afirmam de “esquerda” a palavra conservadorismo tem servido muito mais a confusões do que esclarecimentos. Se esvazia, sua vinculação histórica lançada no primeiro plano da grande revolução burguesa na França, ou, então, se opera com reducionismos que procuram restringir a referência apenas à existência do modo de produção capitalista. O texto que se apresenta constrói sua argumentação sob a hipótese de que as ideias conservadoras que atravessam a história, estão enraizadas na vida cotidiana das sociedades estruturadas em classes e assumem em cada tempo histórico uma configuração específica.

Palavras-chave : Conservadorismo; Vida cotidiana; Sociedade capitalista.

Abstract: Used in different senses by both liberals and those who claim to be "left", the word conservatism has served to create much more confusion than clarification. It is emptied, its historical connection thrown into the foreground of the great bourgeois revolution in France, or, alternatively, it operates with reductionisms that seek to restrict the reference only to the existence of the capitalist mode of production. The text presented builds its argument under the hypothesis that conservative ideas that span history are rooted in the daily life of societies structured into classes and assume a specific configuration in each historical period.

Keywords: Conservatism; Everyday life; Capitalist society.

¹ Prof. do Departamento de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Doutorado em Sociologie et Sciences Sociales – Université Paris 1- Panthéon-Sorbonne – 1997. Doutorado em Serviço Social e Políticas Sociais – UEL – 2018. ariovaldosantos1960@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Conservadorismo se tornou, nos últimos tempos, uma espécie de palavra que, de um espectro ao outro do pensamento, é colocada em evidência, para legitimar ou deslegitimar práticas que se desenvolvem no interior da sociedade. Assim para aqueles que se dizem liberais, ser conservador é defender os valores individuais mais elevados de uma sociedade, enquanto que para aqueles que se colocam no leque da “esquerda”, o pensamento conservador é uma excrecência histórica, devendo pura e simplesmente, por esta razão, ser rejeitado. Mesmo nos textos do Serviço Social é frequente a referência à ideia de que a matriz originária da profissão foi conservadora.

Entretanto, por mais simples que pareça ser a inserção das individualidades neste ou naquele leque, o problema é muito mais complexo. Afinal, se é mais fácil identificar as correntes anti-humanistas, identificando-as como conservadoras (e, em grau mais profundo, reacionárias) por não defenderem a luta por uma sociedade sem classes ou para além da sociabilidade do capital, o que dizer de correntes de pensamento que se identificando como “esquerda” revelam uma faceta humanista, mas querendo resolver este humanismo dentro de uma perspectiva de higienização da sociedade burguesa?

Em sua essência, toda classe que realiza uma “revolução política” e não uma “revolução social”, como atenta Marx (Marx e Engels, 1967) tendem a consolidar novas estruturas de classe e, portanto, serem conservadoras, no sentido de manterem determinados privilégios para determinadas camadas sociais. Mas, ainda aí, resta um problema: nenhuma classe dominante domina sem uma determinada adesão de massa, de amplos contingentes de indivíduos que não pertencem necessariamente à classe que quer dominar. Problema este que não escapou a autores do leque mais ortodoxo do marxismo ao trazerem para o terreno da análise a questão do poder da ideologia do capital sobre as grandes massas de trabalhadores dos diversos estratos da força de trabalho. Destaque-se, neste sentido, entre os mais contemporâneos, Istvan Mészáros (Mészáros, 2010) e Ernest Mandel (Mandel, 1985).

Os exemplos proliferam na história, seja quando se contempla o nazismo/fascismo, ou a implantação de regimes ditatoriais na América Latina nos anos 1960-1970 ou, mais recentemente, o governo Jair Messias Bolsonaro. Não há como negar, neste caso, o forte apoio popular recebido pelo ex-Presidente, mais reacionário do que ultra-conservador, e que sua vitória eleitoral não se deu apenas em razão de que encontrou guarida nas várias camadas da elite econômica nacional.



Estas considerações iniciais servem como observação para que se atente ao fato de que quando nos debruçamos sobre um objeto, é necessário que também o tornemos mais claro tanto categorial quanto conceitualmente.

Assim, a análise aqui proposta difere da leitura que pretende ser o conservadorismo expressão exclusiva da sociedade burguesa a partir de determinado estágio de seu desenvolvimento. Em nosso entendimento, a estrutura mesma da sociedade de classes impõe a necessidade do pensamento conservador, sem o que a classe que domina não logra obter a legitimação social necessária para estabelecer as condições de produção e reprodução da sociedade em questão.

Com isso não se pretende recair em uma espécie de a-historicismo em relação ao conservadorismo, mas apenas apontar para a necessidade de entendê-lo em suas particularidades históricas nos modos de produção baseados nas estruturas de classes. Por outras palavras, o pensamento conservador, enquanto estrutura ideológica e não apenas como forma de manifestação singular deste ou daquele indivíduo, é essencial para a produção e reprodução à sociedade fundada na estrutura de classes.

2. DESENVOLVIMENTO

Na configuração que assume na sociedade burguesa o conservadorismo guarda suas particularidades. O que não impede de se apresentarem sob outras formas em outros modos de produção. É insuficiente, neste sentido, contornar o problema retendo-se a terminologias, em específico, a que contrapõe conservadorismo e tradicionalismo, como se nesta última não estivesse embutido, também, o essencial, isto é, a predominância do anti-humanismo.

Lembremos que estas fronteiras possuem sua importância conceitual, mas tendem a encobrir o essencial, ou seja, a perspectiva anti-humanista que as orienta. O quanto as fronteiras entre tradicionalismo e conservadorismo são tênues é visível, por exemplo, na fala do antigo Chanceler das relações exteriores do Brasil, no governo Bolsonaro, em palestra proferida no Congresso Conservador de São Paulo, realizado em outubro de 2019, no Hotel Transamérica, um dos mais luxuosos da capital paulista. Na ocasião fez uma longa explanação sobre o que é ser conservador. Um dos momentos em que foi mais aplaudido foi quando disse que se descobriu tardiamente adepto dessa ideologia.

[...] “O conservador é o sujeito menos preconceituoso que existe. Os nossos adversários é que gostam de pensar por rótulos, palavras de ordem. Para eles existe o gay, a mulher, o operário, o camponês. Para o conservador, existe essa e aquela pessoa. O esquerdismo é totalitário por isso, porque quer totalizar o indivíduo por



uma de suas características.[...] Ele também se contrapôs ao Iluminismo e à Revolução Francesa e seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.[...] “Voltaire [iluminista francês], começou a querer ‘lacrar’”, afirmou. “Ele pegou as instituições de seu povo, milenares, disse que isso não servia para nada, desrespeitando a fé e a monarquia. Voltaire e seus seguidores pediam liberdade, igualdade e fraternidade: liberdade para obedecer o poder, fraternidade para eu tomar o que é meu e igualdade para ter medo de guilhotina”, afirmou ²

As fronteiras entre tradicionalismo e conservadorismo não se erguem sob a forma de barreiras intransponíveis, possibilitando até mesmo ao ministro Araújo cerrar fileiras com o pensamento de Burke em suas linhas gerais de crítica à Revolução Francesa e defesa da monarquia. Discurso que, de resto, explica, também, a presença no referido evento do empresário Diego Pureza, 28 anos, “um dos sócios do instituto conservador Burke, de São José dos Campos”.³ Contudo, delimitar aqui onde começa um e onde termina o outro, se é que ambos, conservadorismo e tradicionalismo, se anulam em algum momento, pouco contribuiria às reflexões que se pretende aqui encaminhar.

Tanto Marx e Engels (Marx e Engels, 2014; Engels,1960), quanto Lukács (Lukács,1974) explicitaram como a burguesia vitoriosa foi obrigada a dar um passo atrás consolidada a derrota da feudalidade. Ou, como destaca Escorsin Netto,

Cumprida a sua *missão histórica* progressista e revolucionária, a burguesia, convertida em classe dominante, deixa de representar os interesses do conjunto da sociedade [...] e é levada à defesa de seus estritos interesses particularistas. O protagonismo revolucionário da burguesia cede lugar a um desempenho defensivo, voltado para a manutenção das instituições sociais que criou (Netto, 2011 : 46).

Com a ascensão do movimento operário na Europa, nas primeiras décadas do século XIX, o pensamento burguês, inicialmente revolucionário em seu embate contra o feudalismo, torna-se, ideologicamente, cada vez mais conservador, no sentido de mistificar cada vez mais as bases que estruturam a sociedade capitalista. Contudo, é importante salientar que o conservadorismo burguês é apenas uma forma ideológica própria à sociedade do capital. Soma-se a isto que não encontraria terreno para expandir-se caso não conseguisse ser hegemônico, inclusive, em amplas fileiras da classe trabalhadora. Que se retenha, por exemplo, as análises de Marx sobre as lutas de classes na França (Marx, 2011), estudo no qual atenta para a imaturidade do proletariado ou mesmo o 18 Brumário de Luís Bonaparte (Marx, 2011), no qual destaca a habilidade do sobrinho de Napoleão em

² ZANINI, Fábio; MELLO, Patricia Campos, Em congresso conservador, Araújo afirma que Brasil é vítima do climatismo <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/em-congresso-conservador-araujo-afirma-que-brasil-e-vitima-do-climatismo.shtml>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

³ - GUIMARÃES, Ligia, Sob gritos de ‘mitinho’, Eduardo Bolsonaro repete gesto de Trump e convoca direita em evento ‘importado’ dos EUA, 11 de outubro de 2019. Site: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50024632>. Acesso em 15 de outubro de 2019.



trazer para os interesses de classe burguês tanto setores da classe trabalhadora como também o lumpemproletariado.

Mas, se o pensamento conservador, assim como aquele que pode ser classificado como tradicionalista ou, mesmo, reacionário, qual é sua base real? Colocar essa questão obriga, necessariamente olhar para a vida cotidiana, onde os problemas essenciais se manifestam de “modo grosseiro” (Abendroth, Holz e Kofler, 1969). É nela, com toda sua intransparência que o desenvolvimento sócio-histórico se processa, gerando, inclusive, a adesão a projetos que são totalmente contrários aos interesses das classes que dele não se beneficiarão.

É no terreno da vida cotidiana que o conservadorismo assume a forma de ideologia capaz de mobilizar até mesmo aqueles que dela não se beneficiam. Como as classes assumem configurações distintas ao longo da história, a leitura conservadora de mundo também se metamorfoseia, o que obriga, por sua vez, o trabalho contínuo de identificação de sua manifestação e como ele opera na totalidade social, criando barreiras que obstaculizam a superação da estrutura social de classes e a construção de uma nova forma de sociabilidade que não esteja pautada pela exploração da força-de-trabalho, mas, também, formas de resistência.

A categoria de análise cotidiano, algumas vezes presentes no radar do Serviço Social (Netto e Brandt,1996; Heller,1991, Heller, 2004, Lefebvre,1968) é, assim, de suma relevância, juntamente com a de trabalho e práxis para se compreender a vida social e suas configurações conservadoras. O caráter incontornável da categoria cotidiano se evidencia no ponto de partida de A Ideologia Alemã (Marx e Engels, 2014), mas, também, na preocupação que o campo do marxismo dedicou a ela a partir dos anos 1960. É a discussão sobre o cotidiano que abre o primeiro volume da Estética (Lukács,1982), por exemplo, mas que também será objeto de estudo de Henri Lefebvre e Agnes Heller, antes da conversão desta última ao pensamento pós-moderno.

Para não seguir este percurso árduo, basta recorrer aqui a alguns elementos apresentados por Lukács, não perdendo de vista que é a partir da categoria trabalho que são tecidas as condições para a construção da própria vida cotidiana. Desse modo, quando falamos de vida cotidiana nela está embutida, também, a presença incontornável da categoria trabalho. É apenas na articulação das categorias trabalho, práxis e vida cotidiana que se torna possível compreender as referidas passagens de Lukács:

Sempre é preciso começar [...] por questões da vida cotidiana. Na vida cotidiana, os problemas ontológicos se colocam num sentido muito grosseiro [...] as atividades espirituais do homem não são, por assim dizer, entidades da alma [...] porém formas



diversas sobre a base das quais os homens organizam cada uma de suas ações e reações ao mundo externo. Os homens dependem, sempre, de algum modo, destas formas, para a defesa e a construção de sua existência” (Abendroth, Holz e Kofler, 1969 : 11-12).

A reprodução imediata da vida é [...] sempre condicionada. [Conseqüentemente] o caminho que devemos empreender, e com o qual já entramos de cheio nos problemas ontológicos, é o da *pesquisa genética*. Isto é, devemos tentar pesquisar as relações nas suas formas fenomênicas iniciais e ver em que condições estas formas fenomênicas podem tornar-se complexas e cada vez mais mediatizadas (Abendroth, Holz e Kofler, 1969 : 13).

O que nos ensina Lukács neste conjunto de passagens ? De modo mais geral, que a complexidade de cada espaço e tempo (base da vida cotidiana), na qual o ser social se vê obrigado a encontrar respostas para seus problemas vitais, não se dá a conhecer de imediato, ou seja, o concreto, a realidade tal como existe, se manifesta inicialmente apenas de modo “grosseiro”, superficial, fenomênico. Assim, para descortinar o campo nebuloso no qual se constrói a vida cotidiana é necessária uma “análise genética”, um processo investigativo da realidade como um todo e não de suas partes isoladas, sem o que se corre o risco de mistificar ainda mais aquilo que se quer esclarecer.

E este risco é pouco considerado por uma multiplicidade de análises que depositam, por exemplo, a aquisição da presidência da República por Bolsonaro à tentativa de assassinato fracassada de um desvairado, ou à ação desempenhada por setores evangélicos e católicos no processo eleitoral e, ainda, à adesão de empresários e parte da mídia à campanha do 00 (supondo-se que exista, como diz o Presidente, o filho 01, o 02 e o 03, é de se concluir que ele seja o 00).

Isso leva a reconhecer que, independentemente de suas vontades individuais, os seres sociais, no complexo espaço e tempo da vida cotidiana, podem assumir posturas que são totalmente contrárias aos seus interesses reais e apoiarem projetos de sociedade que os conduzem para mais distante ainda do “por teleológico” que orientaram em princípio suas ações. Afinal, a consciência não é de imediato nem consciência de classe e, menos ainda, perpassada automaticamente pela práxis revolucionária. Seu terreno de desenvolvimento é, em geral, a “práxis fetichizada”, na qual a representação da realidade se impõe ao conceito do concretamente existente.

A intransparência da realidade atinge tanto aos proprietários dos meios de produção quanto aos vendedores da força de trabalho. Com a distinção, no entanto, que o primeiro dos polos, ou seja, os detentores dos mecanismos sociais para a produção e reprodução da estrutura social de classes, se apresentam como os únicos beneficiários das relações de exploração que têm, no caso da sociedade capitalista, no outro polo, o conjunto da classe trabalhadora. Ou, como desenvolve Marx:



A classe possuidora e a classe proletária representam a mesma alienação humana. Mas a primeira se sente à vontade nesta alienação; encontra nela uma confirmação, ela reconhece nesta alienação de si *sua própria potência*, e possui nela a *aparência* de uma existência humana; a segunda se sente aniquilada nesta alienação, e nela vê sua impotência e a realidade de uma existência inumana [...] No seio desta contradição, o proprietário privado é então o partido *conservador*, o proletário o partido *destruidor*. Do primeiro emana a ação que mantém a contradição, do segundo a ação que a elimina (Marx e Engels, 1972: 47).

O Congresso Conservador em São Paulo, já referido anteriormente, fornece empiricamente os elementos para que se possa visualizar a forma alienada e estranhada como pode se dar a vida cotidiana, mesmo para aqueles que se encontram na condição de pertencentes à classe dominante. Inicialmente, destaque-se a ação deliberada e consciente que anima o referido Congresso no sentido de “disseminar o **pensamento intelectual conservador** defendido pela parcela mais aguerrida do eleitorado de **Jair Bolsonaro**. A profusão de eventos dessa natureza, mapeados pelo jornal Globo, evidenciam que estas iniciativas têm sido bancadas “por empresários da região onde se realizarão” os eventos, os quais “por vezes ajudados pela cobrança de taxa de inscrição ao público”. O objetivo geral destes eventos tem sido o de “popularizar e tornar mais acessíveis teses, conceitos acadêmicos e informações sobre o conservadorismo”. Segundo um dos coordenadores do Fórum dos Conservadores do Nordeste, Alexandre Carvalho, por exemplo: “Nosso objetivo e que as pessoas tomem consciência do que está sendo feito no país, do resgate do sentimento conservador que é cultural na família brasileira”⁴

Certamente, não é estranho que as chamadas “elites”, os que têm interesses econômicos e financeiros a defender nesta sociedade, se articulem ideologicamente a fim de fazerem valer aquilo que comumente se denomina por “projeto societal”. Leia-se, por exemplo, a fala de Junior Durski, da rede Madero de Hamburguers, na Carlos Bolsonaro não chegou a trabalhar:

Tenho muito orgulho de ter votado no Bolsonaro, de ter trabalhado na campanha do Bolsonaro, de ter ido para a rua todas as vezes que tivemos que ir, que vão de novo para as ruas no dia 15 de março, vamos estar juntos”, declara em vídeo publicado nas redes sociais. [...] O empresário também disse que avalia positivamente o governo federal. [...] Sou muito orgulhoso do presidente que temos. Ele está fazendo tudo certo, está mostrando para que veio, com muita força, muita determinação, muita honestidade, muita coragem de enfrentar tudo que tem aí. A gente sabe que o Congresso é muito tendencioso, que eles buscam sempre o interesse pessoal, deixando de lado o Brasil. Têm exceções, tem muito congressista bom, mas a maioria busca o pessoal. Enfim, estamos juntos com o Brasil, estamos juntos com o Bolsonaro⁵.

⁴ - DANTAS, Dimitrius; CAETANO, Guilherme, Financiados por empresários e fundação do PSL, fóruns conservadores se espalham pelo país. Site: <https://oglobo.globo.com/brasil/financiados-por-empresarios-fundacao-do-psl-foruns-conservadores-se-espalham-pelo-pais-1-24015828>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

⁵ **ROCHA, Marcos, Sócio de Huck e apoiador de Bolsonaro, dono da rede Madero apoia manifestações de 15/03, publicado em**



O que deveria chamar a atenção daqueles que opondo-se ao pensamento liberal-conservador e aderindo (pelo menos discursivamente) às “correntes progressistas” é a facilidade com que as “classes subalternas”, “os de baixo”, “usuários”, “sujeitos” se vinculam ao projeto que é contrário aos seus próprios interesses. E isso só é possível de ser investigado e compreendido objetivamente, ou seja, à luz da estrutura social na qual essas subjetividades ou o ser social inscrito em cada classe se movimentam.

Enquanto o conservadorismo se expressa com mais clareza no pensamento que atende às necessidades diretas do capital, ele se manifesta de maneira mais velada, também, entre aqueles que, pelo menos discursivamente, se colocam em oposição a esta mesma sociedade. Observe-se, por exemplo, o embate de Lênin da recém realizada revolução bolchevique, com as correntes reformistas no interior do marxismo e que desenvolviam práticas totalmente contrárias ao ideário que diziam representar (LÊNIN:2017).

Sem compreender a estrutura da vida cotidiana, torna-se impossível entender, a cada momento, a conjuntura, inclusive aquela que estava posta no segundo turno das eleições presidenciais disputado entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad.

VOTAÇÃO 2º TURNO	BOLSONARO %	HADDAD %
VOTOS TOTAIS	48	38
HOMENS	55	33
MULHERES	42	41
16 A 24 ANOS	42	45
25 A 34 ANOS	49	39
35 A 44 ANOS	50	37
45 A 59 ANOS	47	37
60 ANOS OU MAIS	50	34
ENSINO FUNDAMENTAL	39	45
ENSINO MÉDIO	51	35
ENSINO SUPERIOR	54	34
RENDA ATÉ 2 SALÁRIOS	37	47
RENDA DE 2 A 5 SALÁRIOS	55	32
RENDA DE 5 A 10 SALÁRIOS	61	29
RENDA MAIS DE 10 SALÁRIOS	61	32
RELIGIÃO EVANGÉLICA	59	26
RELIGIÃO CATÓLICA	44	43
RELIGIÃO ESPÍRITA	48	39
RELIGIÕES SINCRÉTICAS	62	27
AGNÓSTICOS	46	38
ATEUS	35	61
HETEROSEXUAIS	50	36



Quadro resumido extraído de matéria publicada pelo portal G1 com base em pesquisa do Data Folha, em 26/10/2018. Datafolha de 25 de outubro para presidente por sexo, idade, escolaridade, renda, região, religião e orientação sexual <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>

Quando olhamos para a vida cotidiana é necessário sempre reconhecer que, ainda que se manifeste de forma muito grosseira, é a partir dela que os indivíduos socialmente determinados constroem suas respostas, suas práxis. Entretanto, por lidarem sempre com complexos sociais que se tornam mais complexos quanto mais se desenvolvem, abre-se continuamente a possibilidade de que a práxis a ser desenvolvida não seja, necessariamente, voltada para uma transformação radical das estruturas sociais.

Porém, os limites da práxis realizada não tem nada a ver com compreensão muito frequente das análises que “partem essencialmente do indivíduo isolado, entregue a si mesmo” (Lukács, 2010: 35). É o que, em certo sentido, fazem as pesquisas de opinião, que captam os sentimentos dos indivíduos em determinado momento em relação a este ou aquele aspecto da vida.

Soma-se a isso que, por mais intuitiva ou observadora que possa ser uma determinada individualidade, ela sempre estará às voltas com o “fato básico, próprio do ser humano, de que nunca somos capazes de ter um conhecimento total de todos os componentes de nossas decisões e suas consequências -, também na vida cotidiana o ser real muitas vezes se revela de maneira altamente distorcida. Em parte, os modos de manifestação imediata encobrem o realmente essencial no plano ontológico, em parte, nós mesmos projetamos no ser, com silogismos analógicos precipitados, determinações que são totalmente estranhas a ele, apenas imaginadas por nós; além disso, confundimos com o próprio ser os meios com que tomamos consciência de momentos determinados do ser etc. Portanto, é preciso partir da imediatidade da vida cotidiana, e ao mesmo tempo ir além dela, para aprender o ser como autêntico em-si. Mas, simultaneamente, também é preciso que os mais indispensáveis meios de domínio intelectual do ser sejam submetidos a uma permanente consideração crítica, tendo por base sua constituição ontológica a mais simples (Lukács, 2010: 37).

Assim, é certo que através da práxis abre-se a possibilidade de descortinar o que é o real, o concreto. Mas a práxis em si não está revestida desta aura, presa que está, em geral, ao próprio pragmatismo da vida cotidiana, isto é, à busca estabelecida pelo ser social de cada época e situação histórica particular por encontrar respostas para os problemas imediatamente colocados. De tal modo que, “a práxis humana, mesmo quando cientificamente fundada, jamais pode se realizar com conhecimento de todas as circunstâncias, pressuposições e resultados que dela surgem, presentes num dado caso particular” (Lukács, 2010: 63).

Isto coloca, por sua vez, um grande problema no que concerne à práxis do ser social. Objetivamente, ela está impossibilitada de apreender o conhecimento de todas “as



circunstâncias, pressuposições e resultados que dela surgem”, o momento de apreensão do concreto torna-se ainda mais débil quando a práxis está orientada pelo “materialismo espontâneo” da vida cotidiana, ou seja, pelo “senso comum”. Afinal, “na vida cotidiana, os problemas da práxis só podem emergir de modo imediato, o que, por sua vez, se absolutizado acriticamente, pode conduzir a distorções [...] da verdadeira constituição do ser” (Lukács, 2010: 69).

Disto decorre a legítima diferenciação apresentada por Karel Kosic entre “práxis fetichizada” e “práxis revolucionária”, a primeira pautando-se pela “representação” do real, enquanto a segunda pelo “conceito” do concreto, ou seja, a compreensão objetiva do que é investigado (Kosic:1976).

Ainda que utilizando linguagens diferentes, é possível verificar, no conjunto de autores que se debruçaram a pensar a práxis do ser social, o reconhecimento comum de que a realidade não se dá a conhecer de maneira imediata. Ela é sempre mediata (Kosic,1976; Vazquez, 2007; Lefebvre, 1968). E, ainda, a compreensão comum de que

A atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade, não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, porém a de um ser que age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais [...] No trato prático-utilitário com as coisas – em que a realidade se revela como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências e esforços para satisfazer a estas – o indivíduo ‘em situação’ cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade (Kosic, 1976: 9-10).

Estes breves elementos são, dentro dos limites da exposição proposta, suficientes para situar o problema em sua correta dimensão. Ou seja, compreender o conservadorismo em suas diversas formas e, em particular, nas suas manifestações mais recentes, implica a todo momento reconhecer que ele se funda em determinadas práxis sociais, historicamente determinadas e estruturalmente complexas em sua totalidade, muito embora, em princípio, a concretude da vida social possa parecer de domínio imediato e científico a todos os indivíduos.

Adotando-se esta perspectiva de análise o que emerge é a necessidade de compreender por quais caminhos, dentro da totalidade social, o irracionalismo, geralmente chamado por “pensamento conservador ou neoconservador”, tem encontrado terreno fértil para se desenvolver. E isso nos conduz não especificamente à materialização do governo Bolsonaro, e sim a uma tendência que transcende esta particularidade e que se expressa no crescimento do partidos de extrema direita no mundo.



Após o grande *boom* econômico do pós Segunda Guerra mundial, que se expressou na construção de configurações sociais aparentemente socialistas, a tendência foi, a partir de meados dos anos 1960, de movimento inverso nas economias capitalistas centrais, das quais a crise de 1973 é apenas uma expressão mais imediata.

Observe-se, no entanto, antes de prosseguir, que a própria construção do que se convencionou chamar Estado de Bem Estar social se faz à luz da matriz conservadora, seja de Beveridge, seja de Keynes. Este último, muitas vezes apresentado como figura a ser reverenciada, não nos deve fazer esquecer que se pronunciou abertamente contra o proletariado e o comunismo, se declarando abertamente favorável ao massacre de ambos, caso necessário fosse:

Como posso aceitar uma doutrina que estabelece como sua bíblia, acima e além de qualquer crítica, um *manual econômico obsoleto* que sei que é não apenas *cientificamente* errôneo, mas também *sem interesse* ou *aplicação para o mundo moderno*? Como adotar um credo que, *preferindo a lama ao peixe* exalta o *proletariado rude* acima da burguesia e da *intelligentsia* que, com todas suas falhas, representa, a *qualidade na vida* e certamente carregam as sementes de todo o avanço humano? Mesmo que precisássemos de uma religião, como poderíamos encontra-la no *desordenado lixo das livrarias vermelhas*? É difícil que um *filho instruído*, *honrado e inteligente da Europa ocidental* encontre aí seus ideais, a menos que tenha sofrido antes um *estranho e terrível processo de conversão* que tenha mudado todos seus valores (Mészáros, 2010: 60).

O esgotamento dos ciclos de crescimento das economias da Europa Ocidental, iniciado no pós Segunda Guerra mundial, só tenderam a reforçar as tendências teóricas conservadoras no âmbito do pensamento burguês, seguidas de seu enraizamento progressivo nas massas dos trabalhadores à medida em que as políticas de pleno emprego cederam espaço para aquelas de desemprego em larga escala e de longa duração. Condição nas quais os naturais de um determinado país têm que disputar espaço com a força de trabalho imigrante, consequência direta do próprio desenvolvimento do capital nos países periféricos àqueles do eixo central.

3. RESULTADOS E CONCLUSÕES

Exemplos múltiplos se apresentam hoje para evidenciar a expansão do pensamento conservador, inclusive nas fileiras da classe trabalhadora. E em todos eles um elemento comum: a adesão de parte da força de trabalho aos partidos e movimentos ultraconservadores, iestimulada pelo combate à imigração ou a necessidade de expulsar os imigrantes a fim de garantir empregos aos naturais do país. Esse elemento tem sido um importante catalizador político ideológico para o pensamento conservador diante da paralisia do pensamento que se pretende progressista.



Estas colocações remetem a um último ponto que se faz necessário tratar dentro da relação práxis, conservadorismo e vida cotidiana. Aquele que remete ao próprio caráter da ideologia na fase tardia do capitalismo. E este ponto tem sido continuamente negligenciado nas análises ou reduzido de suas dimensões estruturais para suas expressões individuais. A análise da ideologia, assim como aquela da práxis e da vida cotidiana, não pode ser separada ou dissociada, em nenhum momento, da concretude histórica na qual se constitui. Tem de ser pensada como manifestação historicamente determinada.

[...] Ideologias [...] não devem ser entendidas no enganoso uso atual da palavra (como uma consciência antecipadamente falsa da realidade), mas [...] como formas 'nas quais os seres humanos se conscientizam desse conflito' (isto é, daquele que emerge dos fundamentos do ser social) 'e o combatem' [...] as ideologias em nosso caso podem proporcionar tanto uma aproximação do ser como um afastamento dele (Lukács, 2010: 38).

[...] a ideologia é antes de tudo uma forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social dos homens consciente e operativa [...] na medida em que o ser social exerce uma determinação sobre todas as manifestações e expressões humanas, qualquer reação, ou seja, qualquer resposta que os homens venha a formular, em relação aos problemas postos pelo seu ambiente econômico-social, pode, ao orientar a prática social, ao conscientizá-la e operacionalizá-la, tornar-se ideologia (Lukács, 2010: 38)

No capitalismo em sua fase tardia (Mandel, 1983), a ideologia tem assumido conotações cada vez mais conservadoras, no sentido de buscar impedir que o novo nasça, mesmo que sob a forma de um maior pertencimento das camadas populares à esfera do consumo de mercadorias, sejam elas eletrodomésticos ou viagens para a Europa com pacotes pagos em dez prestações. E este conservadorismo tem sido acentuado pela matriz religiosa que, conforme é possível de se verificar na eleição que conduziu Bolsonaro à Presidência da República, é capaz de catalisar tanto evangélicos quanto católicos, mediante a exploração de mecanismos de manipulação social, de operacionalização com os dados da realidade, de modo altamente eficazes.

Em uma conjuntura de desemprego crescente no qual as taxas se elevavam a mais de dez por cento e eram apresentadas como o sinal de que o país iria passar, torna-se normal na pragmaticidade da vida cotidiana que se aposte ou no discurso mais assimilável imediatamente, ou o recurso ao passado, em geral visto como melhor e mais seguro. Nesta perspectiva, “o exemplo das experiências acumuladas, tornadas tradicionais, transforma-se necessariamente em fio condutor das decisões entre alternativas atuais” (Lukács, 2010:130).

O desemprego desempenha um papel ativo no sentido de reforçar tendências conservadoras junto aos assalariados, o que se acentua na medida em que se encontra um suposto culpado, no caso europeu os imigrantes e, no caso brasileiro, o Partido dos Trabalhadores, desconsiderando-se que a dinâmica de utilização ou não da força de



trabalho é uma contradição insolúvel da própria totalidade social do capitalismo e do movimento do capital. E o passado é fonte segura de todas as respostas fetichizadas de que se tem necessidade para a manipulação da vida social em sintonia com os interesses da classe e faz frações de classe detentoras dos mecanismos de produção e reprodução da vida social.

Bolsonaro é, até certo ponto, expressão deste movimento de busca na segurança de um passado perdido, aparecendo como o herói que sobreviveu até a uma facada profunda. Isto não é estranho quando se considera que

Nas ideologias das classes dominantes das sociedades que precederam a capitalista e naquelas que, como a monarquia absoluta, a prepararam, existiu uma concepção básica, universalmente difundida, de que a essência e as formas de cada sociedade existente, se não eram de origem diretamente divina, pelo menos repousavam em iluminações inspiradas 'do alto', por heróis que se tornaram seus fundadores e criadores. Observações ou constatações da complexa constituição da sociedade foram subordinadas, por isso, a raciocínios transcendente-teleológicos que derivavam de tal concepção. Assim, a constatação da complexidade do ser social como estrutura ontológica pode facilmente colocar-se a serviço de esforços ideológicos de base transcendente, política e socialmente reacionários" (Lukács, 2010: 147-148).

Mas, a base teológica é apenas expressão subordinada a uma determinação maior, esta sim, fundante da busca de saídas milagrosas à degradação da vida individual mais que coletiva. Trata-se, aí, da própria dinâmica do capitalismo a partir que os mecanismos postos em marcha no período do pós Segunda Guerra mundial começam a dar sinais de esgotamento, conduzindo à emergência tanto de níveis de desemprego mais elevados quanto à necessidade de se manter em patamares aceitáveis os níveis mundiais de acumulação capitalista, tornados ainda mais complexos no desenrolar dos anos subsequentes à década de 1970 em razão do maior entrelaçamento da economia mundial.

Neste sentido, o abandono progressivo do campo ideológico keynesiano em favor da adoção das perspectivas neoliberais propostas por Hayek e Friedman assinalaram um dado para o qual se tem dado pouca atenção mas que foi corretamente percebido por Poulantzas nos anos 1970. Refiro-me aqui à tendência cada vez mais evidente de que a nova fase do capitalismo não seria mais dominada pelo espírito do keynesianismo. Pelo contrário, a tendência do capitalismo seria a de recorrer a formas cada vez mais autoritárias de gestão da vida social. E, neste sentido, Bolsonaro e os que o cercam foi a saída possível, ainda que não a totalmente desejada, para o encaminhamento das políticas de austeridade demandadas pelos interesses da acumulação capitalista.

Para os interesses do capital, a pauta conservadora de Bolsonaro, que, aliás, se alinha àquelas também conservadoras de líderes de governo em outras partes do mundo, dos Estados- Unidos a países da União Européia, serve de veículo adequado, desde que



seus efeitos colaterais não eliminem a diversidade de interesses das frações de classe que lhe dão sustentação política.

Vê-se, pois, que é enquanto complexo que a vida social tem de ser entendida a cada momento, sem o que se acaba caindo no formalismo acadêmico de ficar apenas identificando a onda conservadora mundial e a bolsonarista, em particular, como materialização no plano do Estado de personalidades dotadas de “carisma”. Leitura que, no caso brasileiro tem sido acompanhada pelos urros ensandecidos de “mito”, para o pai, e “mitinho”, para um dos filhos. Ou então, se cai em uma necessária mas, ao mesmo tempo, limitada, diferenciação entre o novo e o velho conservadorismo, sem atrelar esta discussão ao complexo da totalidade social (Almeida, 2018: 27-28). E com isso fica na penumbra que

A individualidade pode expressar-se tomando posição contra ou a favor da sociedade existente, nas lutas que toda sociedade deve enfrentar para impor-se praticamente como fase da generidade e pode fazê-lo tanto em nome do passado como do futuro, com o que estes podem significar tanto uma transformação paulatina e reformadora do presente quanto sua derrubada revolucionária” (Lukács, 2010: 101).

A título de conclusão, é sempre necessário não perder de vista que a realidade é mediata e configura práxis sociais distintas à luz dos “graus de conhecimento da realidade” assimilados pelos indivíduos. E é a partir da apreensão e da articulação dessas mediações, unidas a instrumentos reais de luta, como partidos e sindicatos, que se abre a possibilidade de se compreender a sedução de novos e antigos discursos ideológicos e os caminhos para superar o que é conservador e ampliar o que é efetivamente transformador na perspectiva de construção de um novo modo de produção. De igual modo, é necessário nunca desconsiderar que no campo do pensamento as ideias não são marcadas pela neutralidade, e suas implicações possíveis jamais devem ser desconsideradas, uma vez que não existe neutralidade no interior das relações sociais.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio Luiz, Neoconservadorismo e liberalismo. IN:GALLEGO, Esther (org.), O ódio como política (a reinvenção das direitas no Brasil), S.P., Boitempo Editorial, 2018.

ENGELS, Federico, Montevideo, Ediciones Pueblos Unidos, 1960.

GUIMARÃES, Ligia, Sob gritos de ‘mitinho’, Eduardo Bolsonaro repete gesto de Trump e convoca direita em evento ‘importado’ dos EUA, 11 de outubro de 2019. Site: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50024632>. Acesso em 15 de outubro de 2019.

HELLER, Ágnes, O cotidiano e a história, S.P., Paz e Terra, 2004, 7ª edição.

HELLER, Ágnes, Sociologia de la vida cotidiana, Barcelona, Ediciones Península, 1991.

HOLZ, Hans Heinz; **KOFLER**, Leo; **ABENDROTH**, Wolfgang, Conversando com Lukács, R.J., Paz e Terra, 1969.



- IAMAMOTO**, Marilda Villela, Serviço Social em tempos de capital fetiche (capital financeiro, trabalho e questão social), Cortez Editora, S.P., 2007, 1ª ed.
- JUNIOR**, Caio Prado, Evolução Política do Brasil, S. P., Editora Brasiliense, 1975.
- LEFEBVRE**, Henri, La vie quotidienne dans le monde moderne, Paris, Gallimard, 1968.
- LÊNIN**, V. I., O Estado e a Revolução, S.P., Boitempo Editorial, 2017).
- LUKÁCS**, Georg, Estética 1, Barcelona, Grijalbo, 1982.
- LUKÁCS**, György, Marxismo e teoria da literatura, S.P., Expressão Popular, 2010, 2ª ed.
- LUKÁCS**, György, Socialismo e democratização (escritos políticos 1956-1971), R.J., Editora UFRJ, 2008.
- LUKÁCS**, György, Prolegômenos para uma ontologia do ser social, SP., Boitempo Editorial, 2010.
- LUKÁCS**, György, El asalto a la razon, Barcelona, Editorial Grijalbo, 1950
- LUKÁCS**, György, Existencialismo ou marxismo? , S.P., Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- LUKÁCS**, Georges, Paris, Éditions Sociales, 1974.
- MANDEL**, Ernest, O Capitalismo tardio, S.P., Nova Cultural, 1985.
- MARCUSE**, Herbert, Razão e Revolução, R.J. Paz e Terra, 1984, 3ª ed.
- MARX**, K. e **ENGELS**, F., A ideologia alemã, S.P., Boitempo Editorial, 2014. 2ª reimpressão.
- MARX**, K et **ENGELS**, F., La sagrada familia, México, Editorial Grijalbo, 1967.
- MARX**, K., As lutas de classes na França, S.P., Boitempo Editorial, 2011.
- MARX**, K., O 18 brumário de Luís Bonaparte, S.P., Boitempo Editorial, 2011.
- MÉSZÁROS**, István, O poder da ideologia, S.P., Boitempo Editorial, 2010, 3ª reimpressão.
- NETTO**, José Paulo; **CARVALHO**, M. C. Brant. Cotidiano: conhecimento e crítica. Cortez Editora, S.P., 1996, 4ª edição.
- NETTO**, Leila Escorsin, O conservadorismo clássico (elementos de caracterização e crítica), S.P., Cortez Editora, 2011).
- POULANTZAS**, Nicos, Repères, Paris, François Maspero, 1980.
- VÁZQUEZ**, Adolfo Sanches, Filosofia da práxis, S.P., Expressão Popular/ CLACSO, 2007.
- ZANINI**, Fábio; **MELLO**, Patricia Campos, Em congresso conservador, Araujo afirma que Brasil é vítima do climatismo <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/em-congresso-conservador-araujo-afirma-que-brasil-e-vitima-do-climatismo.shtml>. Acesso em 14 de outubro de 2019.
- ZEITLIN**, Irving, Ideologia y teoria sociológica, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1973).